



**UNIVERSIDADE
FERNANDO
PESSOA**

DESINFORMAÇÃO E POLÍTICA: COMO A PÓS-VERDADE MOLDA ELEIÇÕES E OS DISCURSOS POLÍTICOS

**[Misinformation and politics: how post-truth shapes elections and
political discourse]**

Projeto de Graduação

Ciências da Comunicação, 1ºCiclo

Anastácio Cahango Virgílio Sebastião

Orientador:

Doutor Rui Estrada

Junho 2025

DESINFORMAÇÃO E POLÍTICA: COMO A PÓS-VERDADE MOLDA ELEIÇÕES E OS DISCURSOS POLÍTICOS

[Misinformation and politics: how post-truth shapes elections and
political discourse]

Projeto de Graduação

Ciências da Comunicação, 1ºCiclo

Anastácio Cahango Virgílio Sebastião

Orientador:

Doutor Rui Estrada

Junho 2025

Dedicatórias e Agradecimentos

Dedico este trabalho inteiramente à minha mãe, Dona Fátima Ventura Nganga, pois nunca teria concluído este ciclo da minha vida se não fosse o meu desejo de lhe dar um motivo mais para sorrir e alegrar-se, neste mundo frio e cruel. Obrigado, Mãe!

Por outro lado, agradeço ao corpo docente com os quais tive o privilégio de aprender e expandir a minha visão sobre o mundo. Em especial ao professor Rui Torres, pela didática exímia e o seu entusiasmo repleto de poesia quando a sua voz emana conhecimento e ao meu orientador, o professor Rui Estrada, pela excelência ao ensinar aquilo que “pouco” sabe e por falar-me sobre o tema deste trabalho com tanta eloquência. Ademais, agradeço aos meus amigos, colegas e, com muito carinho, agradeço às minhas irmãs por me ensinarem, com ações constantes, a ser resiliente diante de toda a adversidade debaixo do sol que se esconde quando as tempestades aparecem em nossas vidas.

Resumo

A presente tese dedica-se em esquadrihar o conceito de pós-verdade — e a sua implicação nos discursos políticos —, popularizado no seio de querelas políticas nacionais e internacionais a partir de 2016, e submeter-lhe a uma visada analítica no campo político português, verificando, de forma minuciosa, como os discursos de André Ventura, líder do Chega, atualmente a 2ª força política em Portugal, tem moldado ou influenciado a perspetiva do seu eleitorado sobre os fatos.

Qual é o papel da verdade num contexto dominado pelas emoções e crenças pessoais? Deste modo, procura-se, também, oferecer uma leitura filosófica e científica que complemente as interpretações majoritárias deste fenómeno contemporâneo, que emergiu de forma preponderantemente de um contexto amplamente político. A tese temática que se segue propõe, ademais, uma interpretação que se move num campo sociopolítico. Houve uma busca por autores e filósofos que auxiliam no fundamento de uma interpretação que nos permitirá definir a pós-verdade como um problema de normatização social ou, se quisermos ainda, como um problema de manipulação política e uma real ameaça à legitimidade das instituições que regem a ordem e comunicação social.

PALAVRAS-CHAVE: Fake news; pós-verdade; factos; partido político Chega.

Abstract

This thesis is devoted to examining the concept of post-truth — and its implications in political discourse — which became popular within national and international political debates since 2016. It subjects this phenomenon to an analytical perspective in the context of Portuguese politics, carefully investigating how the discourses of André Ventura, leader of the party Chega — currently the second-largest political force in Portugal — have shaped or influenced his electorate's perception of facts.

What is the role of truth in a context dominated by emotions and personal beliefs? In this sense, the study also seeks to offer a philosophical and scientific reading that complements mainstream interpretations of this contemporary phenomenon, which has emerged predominantly from a highly political setting. The thematic argument further proposes an interpretation grounded in the sociopolitical field. An effort was made to draw upon authors and philosophers who help ground an interpretation that will allow us to define post-truth as a problem of social normativization , or, if one prefers, as a problem of political manipulation , and a real threat to the legitimacy of institutions governing social order and communication.

KEYWORDS: Fake news; post-truth; facts; political party Chega

Índice Geral

Introdução.....	1
CAPÍTULO I- Enquadramento teórico.....	3
A origem da Pós-Verdade	4
A verdade como construção social.....	5
Contestação da verdade	5
Emoções vs. Fatos	5
Pós-Verdade e a Transformação do Discurso Político	5
Redes Sociais e a Fragmentação da Verdade	6
Fake News e Pós-Verdade: Distinções Críticas	7
Fake News e Pós-Verdade: A Intencionalidade na Desinformação	7
Capítulo II – A Retórica da Pós-Verdade de André Ventura em seus Discursos: <i>Fact-checking</i> e Análise Discursiva- Ano de 2020 a 2024.....	10
O Populismo e a Pós-Verdade.....	10
A narrativa da pós-verdade de Ventura	10
Racismo Discursivo	11
A Pós-Verdade nos discursos de Ventura	13
Lista dos casos analisados	13
Casos ligados à problemática da imigração	19
Resumo comparativo dos casos ligados à imigração.....	22
CONCLUSÃO	24
Referências Bibliográficas	25

Introdução

Nos últimos anos, o conceito que circunda o termo pós-verdade emergiu como um elemento central no contexto que abarca as dinâmicas da comunicação política e social. Disseminado, sobretudo, pelo poder da evolução tecnológica, especificamente da desenvoltura das redes sociais e amplificado por figuras políticas como Trump nos Estados Unidos da América ou Jair Bolsonaro no Brasil e, nos últimos tempos, com André Ventura no território português. Este fenómeno traduz-se na crescente influência das emoções e crenças pessoais sobre os fatos objetivos na formação daquilo que se conhece como opinião pública.

A expressão foi eleita a “palavra do ano”, em 2016, pela *Oxford Dictionary*¹ e, a partir deste ponto, o conceito tem sido uniformemente utilizado na descrição de contextos caracterizados pela desinformação, polarização ideológica e deslegitimação das fontes ou instituições tradicionais de conhecimento.

A relevância do estudo sobre pós-verdade é inquestionável no cenário político contemporâneo, na medida em que, como ver-se-á no desenvolvimento deste trabalho, vários académicos e especialistas denominam o nosso contexto sociopolítico como a “era da Pós-Verdade”, porquanto vive-se em um momento em que os discursos emocionalmente carregados e as narrativas simplificadas ganham força frente a dados verificáveis e instituições democráticas. Deste modo, este trabalho surge, portanto, com o objetivo de investigar criticamente como o fenómeno da pós-verdade manifesta-se nos discursos políticos, tendo como objeto de análise central os discursos de André Ventura, líder do partido Chega, atualmente a segunda força política em Portugal, no cenário político português.

Por conseguinte, a justificativa para esta pesquisa reside no fato de que, em um contexto de crescente polarização política e desconfiança nas instituições, é essencial compreender os mecanismos pelos quais certos discursos ganham adesão popular mesmo quando desconectados de fatos comprovados.

Por outro lado, no que tange aos objetivos previamente estabelecidos para este trabalho, traçou-se quatro objetivos, dos quais um de carácter geral e três específicos.

Geral: Analisar como o fenómeno da pós-verdade se manifesta nos discursos políticos de André Ventura, líder do partido Chega e compreender a sua influência na perceção do eleitorado sobre os fatos.

Específicos: identificar estratégias retóricas e elementos emocionais associados ao regime da pós-verdade nos discursos de André Ventura; descrever os principais temas

¹ ¹ *Oxford University Press. (2016). Oxford Dictionaries Word of the Year 2016 is 'post-truth'. <https://blog.oxforddictionaries.com/press-releases/oxford-dictionaries-word-year-2016-post-truth/>*

recorrentes nos seus pronunciamentos públicos e nas redes sociais; examinar como a sua narrativa mobiliza crenças, identidades e emoções para a construção de uma visão política específica; verificar a influência dos seus discursos na formação de opinião e percepção de realidade por parte de seus eleitores.

CAPÍTULO I- Enquadramento teórico

O *Oxford Dictionary*, dicionário de referência mundial no domínio da língua inglesa, -- que faz parte da família de dicionários publicados pela *Oxford University Press* (OUP)- uma das editoras académicas mais conceituadas no cenário mundial, elege, desde o ano de 2000, a palavra do ano, aquela com o maior impacto durante um ano civil.

Em 2016, e pela primeira vez de forma unânime, a palavra escolhida foi “*Post Truth*”, traduzida ao léxico normativo da língua portuguesa como “Pós-Verdade”. Segundo aquele dicionário, o termo Pós-Verdade está “relacionado às circunstâncias em que os fatos objetivos têm menos importância ou influência na formação da opinião pública do que apelos à emoção e às crenças pessoais”. *Oxford Dictionaries. (2016). Post-truth.*

O contexto ao qual este conceito emergiu está intrinsecamente ligado a dois acontecimentos políticos, ambos ostentados de uma enorme repercussão global, nomeadamente o *Brexit*, a saída do Reino Unido da União Europeia (UE) e as eleições presidenciais nos Estados Unidos da América de 2016, que culminou com a Eleição de Donald Trump.

No primeiro caso, a campanha que se posicionava a favor da saída do Reino Unido da UE mostrou uma recorrência intensa à difusão de informações factualmente incorretas ou distorcidas. Entre elas, segundo o Observador (2016) no artigo *Verdades e Mentiras Sobre o Brexit*, assinado por Edgar Caetano e Vera Novais, a alegação de que o país contribuiria com 350 milhões de libras semanais para a UE, verba que, supostamente, para a crença dos cidadãos daquele território, poderia ser redirecionada para o sistema nacional de saúde. Apesar de essa afirmação ter sido amplamente refutada pelos especialistas e órgãos independentes de verificação, ela exerceu uma forte influência junto dos cidadãos, sobretudo por apelar a sentimentos que geravam desconfiança e reforçavam o nacionalismo.

Por outro lado, o segundo lado desta moeda ocorreu durante a corrida às eleições presidenciais dos EUA, onde se assistiu a uma proliferação sem precedentes de *fake news*, disseminadas, em larga escala, pelas redes sociais ou plataformas digitais.

Um artigo da G1 Mundo, o portal de notícias internacionais da Rede Globo, assinado, em 2020, pela jornalista Laís Modelli, descreveu as principais mentiras de Trump sobre a oposição, como objetivo de reforçar preconceitos, fomentar divisões e desacreditar os adversários políticos, em particular *Hilary Clinton*, a candidata democrata na época, as informações deliberadamente falsas eram dirigidas a públicos específicos. A retórica utilizada por Donald Trump, candidato republicano, enfatizava os apelos emocionais e *slogans* de fácil assimilação, frequentemente à revelia de dados concretos ou evidências fatuais.

Em ambas as situações, tanto o *Brexit*, quanto o caso de Trump, tornaram evidente como discursos de natureza emocional e identitária, ainda que desprovidos de quaisquer

fundamentos científicos, conseguiram mobilizar amplos seguimentos populacionais e influenciar, de forma significativa, os respectivos resultados eleitorais. Estes episódios ilustram, com clareza, o fenómeno inerente à Pós-Verdade, no qual, como cita o *Oxford Dictionary*, a objetividade dos fatos cede lugar à eficácia persuasiva da narrativa.

Deste modo, este termo reflete uma transformação significativa nas dinâmicas da comunicação política e da formação da opinião pública.

A origem da Pós-Verdade

Embora o termo tenha ganhado notoriedade em 2016, acredita-se que a sua utilização remonta ao ano de 1992, quando Steve Tesich, um dramaturgo sérvio-americano, documentou-a no ensaio “*A Government Of Lies*” (Um Governo de Mentiras) publicado pela revista “*The Nation*”. (Artigo de Tesich) O artigo da autoria do dramaturgo discorria sobre o escândalo Irão-Contras e a Guerra do Golfo pérsico. Em uma das linhas do artigo, Tesich exclamou: “Nós, como povo livre, decidimos com espontaneidade que queremos viver em mundo de pós-verdade”. O escritor ainda afirmou que a desonestidade e a manipulação da verdade eram práticas comuns, indicando que a sociedade estava se movendo em direção a uma era em que a verdade era secundária em relação às emoções e direções pessoais.

Há evidências de que o vocábulo Pós-Verdade tenha sido usado antes do artigo de Tesich, mas aparentemente com o significado de ‘depois que a verdade foi conhecida’, e não com o novo sentido de que a própria verdade se tornou irrelevante. (*Oxford English Dictionary*. (2016). *Post-truth*. In *Oxford English Dictionary Online*)

Por outro lado, a discussão sobre a verdade e a sua relação com a perceção humana é um tema recorrente na filosofia. Filósofos como Friedrich Nietzsche e Michel Foucault questionaram a objetividade da verdade, ambos argumentaram que ela é frequentemente moldada por contextos sociais e culturais. Segundo Almeida Vieira (2014), Nietzsche, por exemplo, desafiou a ideia de uma verdade absoluta, demonstrando que as verdades são construções sociais que servem a interesses específicos. Tal afirmação suscita-nos para reflexão de que a verdade, como um objeto da realidade, apesar de estar entre nós ou coabitar com os nossos movimentos, ela pode estar ao serviço de determinados interesses, condição que a leva a uma posição subalterna. Logo, conseqüentemente, negada, manipulada ou modificada.

Foucault, por sua vez, explorou como o poder e o conhecimento estão interligados, implicando que a verdade é frequentemente uma questão de controle social.

Foucault (1997, p. 123) afirma: “*A verdade é um produto de relações de poder e, portanto, não é algo que possuímos, mas algo que é produzido e contestado em práticas sociais*”

Podemos analisar a passagem elucidada por Foucault na sua obra sob três perspectivas, sobre as quais discorreremos nos parágrafos que se seguem:

A verdade como construção social

A ideia de que a verdade é uma construção social ressoa fortemente com a especificidade da pós-verdade, onde as verdades são frequentemente moldadas por narrativas emocionais e interesses políticos. Na era da informação -se quisermos, na era da desinformação-, a verdade já não possui uma relação que nos leva a uma condição “Sine qua non” com os fatos objetivos. No entanto, no cenário contemporâneo, ela é influenciada por contextos sociais, culturais e, sobretudo, políticos. Isso sugere que, em um ambiente de pós-verdade, a verdade pode ser manipulada para servir a agendas específicas.

Contestação da verdade

A ideia de Foucault também sugere que a verdade é contestada em práticas sociais. Nesta era da pós-verdade, verifica-se a intensificação desta contestação, aliada ao fenómeno das “fake news” e das teorias conspiratórias que, de certo modo, acabam por desafiar verdades condicionais. Como resultado, conclui-se que ela (a contestação) leva-nos a um ambiente em que a confiança nas instituições e nos media é erodida, e onde as pessoas sentem-se, por conseguinte, legitimadas a acreditar em narrativas que se alinham com as suas crenças pessoais, independentemente da evidência factual.

Emoções vs. Fatos

Foucault lembra-nos que a verdade não é algo que possuímos, o que implica que a busca por uma verdade objetiva pode ser ilusória. Na era contemporânea, marcada pela pós-verdade, as emoções frequentemente superam os fatos na formação de opiniões. Deste modo, ao invés de se buscar uma verdade universal, deve-se considerar como as emoções e as experiências pessoais moldam a percepção da verdade e como isso pode ser explorado por aqueles que buscam manipular a opinião pública.

Pós-Verdade e a Transformação do Discurso Político

«O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso» (Foucault, 2015, p. 84).

A Pós-verdade, palavra do ano em 2016, eleita pelos Dicionários Oxford, descreve as circunstâncias em que «os fatos objetivos perdem influência perante narrativas emocionalmente persuasivas» (Seixas, 2019, p. 122). No campo político, este fenómeno que se popularizou, sobretudo, com a ascensão de Trump à Casa Branca, segundo Seixas (2019), manifesta-se na priorização de discursos que valorizam a identificação grupal em detrimento da verificação factual.

Um dos aspetos de maior relevo deste fenómeno contemporâneo, a Pós-Verdade, é, como observa Seixas (2019, p.125) «a sua capacidade de criar realidades alternativas sustentadas por convicções»

"[...] a pós-verdade não corresponde necessariamente a uma mentira, mas a um desinteresse pela verdade objetiva, substituída por narrativas que validam identidades políticas pré-existentes."

Deste modo, é possível vislumbrar a partir destas premissas a perspetiva Foucaultiana de que «a verdade é um produto de relações de poder» (Foucault, 1979). Nas democracias contemporâneas, como exemplo mais realista, os líderes populistas fazem uso e “desuso” - Se quisermos fazer recurso à hipérbole, figura de estilo do campo linguístico-desta lógica. Para convencer os eleitores, recorrem a uma retórica impregnada de sensacionalismo que reforça divisões sociais e descredibilizam as fontes tradicionais de informação com acusações de um comportamento tendencioso dos *mass media*.

No entanto, ao contrário do que se pode pensar com toda esta narrativa, os políticos não começaram os seus discursos pouco ou nada factuais com o advento da Pós-verdade. Como afirma Matthew D’Ancona na obra “Pós-Verdade: a Nova Guerra Contra os Fatos em Tempos de *Fake News*” «Os políticos afinal mentem desde o início dos tempos, o que a pós-verdade traz de novo não é a desonestidade dos políticos, mas a resposta do público em relação a isso». (D’Ancona, 2017, p. 4).

Nesta senda, é natural que se suscita a seguinte questão: então, o ser humano desistiu da verdade? Deixamos todos de a querer?

D’Ancona responde «Não é que a verdade esteja morta, o que os psicólogos denominam como viés da verdade permanece uma componente fundamental do carácter humano, mas agora ela (a verdade) é percebida como uma prioridade entre muitas e não necessariamente a maior». (D’Ancona, 2017, p. 48)

Redes Sociais e a Fragmentação da Verdade

As plataformas digitais aceleram a disseminação de discursos pós-verdade através de algoritmos que reforçam bolhas ideológicas (Braga, 2018). Seixas (2019) destaca que:

"A difusão de informações falsas ou enviesadas não é sempre intencional; frequentemente, resulta da reprodução acrítica de conteúdos que ressoam com as convicções do grupo." (p. 129).

Exemplos como o Brexit, a eleição de Donald Trump e as recentes campanhas políticas de André Ventura com o seu partido Chega ilustram como o *microtargeting* e campanhas baseadas em emoções (medo, nostalgia) podem substituir debates baseados em factos (Keyes, 2004).

Fake News e Pós-Verdade: Distinções Críticas

Embora frequentemente associadas, *fake news* e pós-verdade não são equivalentes.

Enquanto as *fakes news* envolvem a disseminação deliberada de informações falsas (Braga, 2018, p. 205), a pós-verdade refere-se a um ecossistema comunicacional onde as emoções sobrepõem-se à verdade.

Dunker (2017) esclarece:

"O discurso da pós-verdade combina observações corretas, interpretações plausíveis e fontes confiáveis numa mistura que, no conjunto, é falsa e interesseira." (p. 38).

Por exemplo, durante a campanha legislativa de Portugal, em 2023, o líder do Chega, André Ventura, como noticiou a SIC, circulou uma notícia falsa, usando a capa do Jornal Expresso. Em causa estava uma alegada notícia que atribuía a maioria dos casos de violação a imigrantes, erradamente, já que as estatísticas mostravam que apenas dois em cada 10 casos envolviam imigrantes.

Por conseguinte, esta *fake news* propagou-se não pela sua veracidade, mas por validar narrativas pré-existentes entre certos grupos políticos (Seixas, 2019, p. 129).

Fake News e Pós-Verdade: A Intencionalidade na Desinformação

É natural que se afirme, nesta era contemporânea, que vivemos um paradoxo informacional que se posiciona numa escala preocupante, na medida em que nunca tivemos tanto acesso a dados e, simultaneamente, tamanha dificuldade em discernir aquilo que é verdadeiro do que se afirma como falso. Nesta senda, pode-se afirmar que as *fake news* são informações falsas que, mesmo quando desmascaradas, já cumpriram o seu propósito na moldagem de perceções.

A gravidade deste fenómeno intensifica-se quando consideramos que muitos compartilham essas notícias desprovidos de má-fé, apenas movidos pelo impulso, talvez, genuíno de alertar os amigos e os familiares. Esse comportamento, aparentemente ingénuo, alimenta um ecossistema digital onde a desinformação se

propaga em uma velocidade exponencial. Para que se tenha uma noção desta gravidade, segundo o *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), as notícias caracterizadas como falsas espalham-se seis vezes mais rápido que as verdadeiras nas redes sociais, conforme a pesquisa *The spread of true and false news online* publicada na revista *Science* (Vosoughi, Roy & Aral, 2018).

Seguindo, então, a lógica do parágrafo acima, Seixas (2019) ressalva que:

"Nem toda pós-verdade é uma mentira consciente; muitas vezes, é um subproduto da racionalidade instrumental contemporânea, que prioriza utilidade sobre verdade." (p. 124).

Deste modo, este ponto torna-se crucial para se distinguir estes dois termos, *fake news* e pós verdade. O primeiro, pode ser interpretado como uma ação que requer intenção de enganar. Por outro lado, a Pós-Verdade pode emergir sem manipulação direta, sustentada pela partilha acrítica de conteúdo.

Outrossim, a modernização do fenômeno da era digital transformou de forma radical a ecologia das chamadas *Fake News*, na medida em que introduziu, essencialmente, três elementos disruptivos. O primeiro é a velocidade exponencial com que uma notícia falsa pode alcançar, em frações de segundos, através de aplicativos como *WhatsApp* ou *Instagram* milhões de usuários; num segundo ponto, aparece a sofisticação tecnológica que se evidencia no uso de *Deep Fakes* e Inteligência Artificial (IA) para criar vídeos ou imagens de carácter fraudulentos, todavia convincentes.

Por outro lado, a psicologia social do compartilhamento de *fake news* revela uma série de mecanismos cognitivos e emocionais que ajudam a explicar por que tantas pessoas disseminam informações falsas, muitas vezes, sem intenção maliciosa. Entre os fatores centrais desse comportamento destacam-se três dinâmicas psicológicas recorrentes. A primeira é o efeito *Dunning-Kruger* que, baseando-se na obra *Morte da Competência* de Tom Nichols, descreve como indivíduos com baixo conhecimento sobre um determinado tema tendem a superestimar a sua própria compreensão, levando-os, desta forma, às decisões equivocadas com elevada confiança. A seguir, o autor discorre sobre um outro conceito, o Viés de Confirmação, termo que se “refere à tendência de procurarmos a informação que apenas confirma aquilo que já sabemos, de aceitarmos apenas os factos que reforçam as nossas teses preferidas e de rejeitarmos os dados que põem em causa aquilo que para nós é a verdade”. (Nichols, 2018, p.71). Por fim, um outro fator relevante é o fenômeno conhecido como FOMO (*Fear of Missing Out*), ou medo de estar por fora. Essa ansiedade em relação à possibilidade de perder alertas ou notícias importantes motiva o compartilhamento apressado de conteúdos, mesmo sem uma verificação prévia. Esse impulso emocional é explorado por manchetes sensacionalistas, que apelam diretamente à urgência e ao medo. Um dado particularmente alarmante, oriundo de um estudo realizado entre 2017 e 2020, sob o

nome “*Sharing without clicking on news in social media*”, pela Universidade Pública da Pensilvânia (*Pennsylvania State University*) e publicado pela revista *Nature*, analisou dados de mais de 35 milhões de publicações no Facebook , tendo apurado que 75% dos usuários que compartilham notícias em redes sociais não leem o conteúdo completo, limitando-se apenas ao título.(*Nature*, 2024) Esse comportamento evidencia como a desatenção e o processamento superficial da informação favorecem a propagação de desinformação, contribuindo para um ambiente digital cada vez mais vulnerável à manipulação e a consagração da Pós-Verdade.

CAPÍTULO II – A Retórica da Pós-Verdade de André Ventura em seus Discursos: *Fact-checking* e Análise Discursiva- Ano de 2020 a 2024

O Populismo e a Pós-Verdade

A ascensão global de lideranças populistas nas últimas décadas tem sido acompanhada por uma transformação radical nas estratégias de comunicação política. Num contexto marcado pela crise das instituições democráticas e pela fragmentação dos espaços públicos, figuras como Trump, nos EUA e André Ventura, em Portugal, representam um fenômeno particularmente intrigante que sob a perspectiva de Matthew d'Ancona (2017) denomina-se como "a era da pós-verdade" - um período histórico em que "as emoções e crenças pessoais passaram a moldar a opinião pública mais do que os fatos objetivos".

Ademais, o caso de André Ventura, no país também conhecido como a terra de Camões, Portugal, assume uma especial relevância por três fatores fundamentais. Primeiro, pela velocidade com que o Chega, partido do qual é líder, fundado em abril de 2019, transformou-se na terceira força política do país, alcançando 18,7% dos votos nas legislativas de 2024 (CNE, 2024). Segundo, pelo carácter paradigmático da sua retórica, que sintetiza elementos do populismo radical europeu (Mudde, 2019) com características específicas do contexto lusófono. Terceiro, e mais crucial para nossa análise, pela sofisticação com que Ventura emprega estas estratégias de desinformação, com recurso frequente em plataformas digitais como as redes sociais *Instagram* e *X* (Outrora *Twitter*).

Por conseguinte, este capítulo vai-se concentrar no eixo central da retórica “venturista”, que se sustenta na construção discursiva da imigração como ameaça existencial. Como demonstra Wodak (2021), a "gramática do medo" constitui-se como o elemento fundamental dos populismos de direita, operando-se através de quatro mecanismos fundamentais: (1) generalização de casos isolados, (2) estatísticas distorcidas, (3) construção de bodes expiatórios e (4) apelo a sentimentos de perda identitária. No caso do líder do Chega, essa estratégia manifesta-se, de forma recorrente, em declarações revestidas com teor sobre a "invasão imigrante", "privilégios ciganos" e a "criminalidade importada", a maioria das quais sistematicamente desmentidas por órgãos de *fact-checking* no território português.

A narrativa da pós-verdade de Ventura

O populismo, segundo Muller J W (2016, p. 29), “é uma forma de contestação da pluralidade democrática”. Ou seja, para Müller, o populismo possui as suas bases na afirmação exclusivista de representar verdadeiramente “o povo”, excluindo qualquer outro grupo ou posição política como legítima.

Para este professor de política na Universidade de *Princeton*, nos EUA, os populistas são sempre “perigosos” para a democracia independentemente de serem de esquerda ou de direita. Por um lado, porque se proclamam como a única voz do povo, atacando e

excluindo todos aqueles que contestam as suas posições ou legitimidade. Por outro, porque ao chegar ao poder os populistas acabam por cometer exatamente “os mesmos pecados políticos” das elites contra as quais se batem. “Os populistas são apenas elites diferentes que tentam agarrar o poder através da fantasia coletiva de uma política pura” (Muller 2016, pp 30,35).

Deste modo, Ventura encarna esta lógica ao apresentar-se como a voz dos "portugueses esquecidos", na medida em que se autoelege como voz única e superior; Muller destaca que os populistas precisam de um inimigo “invisível” e constante que é frequentemente apontado como parte das elites ou grupos que supostamente dominam o poder, tal como a média, os partidos políticos mais tradicionais e as minorias, que no caso de Ventura manifesta-se pela caça aos ciganos, enquanto estigmatiza imigrantes como ameaça.

Por outro lado, Matthew d'Ancona (2017) destaca que a pós-verdade é a "arma preferencial" do populismo contemporâneo, pois permite criar realidades alternativas onde os fatos são colocados em uma posição irrisória. Esta dinâmica é visível nos discursos de Ventura, que frequentemente:

Hiperboliza dados: "esmagadora maioria dos crimes"; naturaliza estereótipos na medida em que afirma com uma frequência estonteante que os “ciganos são privilegiados” e cria falsas causalidades que colocam a imigração como sendo sinónimo de criminalidade. (imigração = criminalidade).

Racismo Discursivo

“O racismo tem esta função: dividir a população biológica em duas. De um lado, os que são definidos como ‘raça superior’; do outro, aqueles que são definidos como ‘raça inferior’. [...]E essa divisão serve para justificar o direito de matar”. (Foucault 2004, p. 240)

O líder do partido populista nega qualquer vestígio de racismo em si ou nas suas abordagens públicas. Em contrapartida, diz-se defensor da segurança, da ordem e da cultura portuguesa. No entanto, quando se analisa os seus discursos, verifica-se uma correlação com o conceito de racismo discursivo, que se manifesta na exclusão racializada que, de forma recorrente, é ocultada sob subterfúgio em uma preocupação com a segurança, valores nacionalistas ou pela ordem social.

Deste modo, como os discursos de André Ventura exemplificam ou propagam o racismo discursivo? Pode-se analisar alguns pontos-chave em sua retórica, extraídos dos artigos de Salomé Leal, publicado no Polígrafo em 30 de dezembro de 2024, com o título “*Mentira Nacional do Ano: Declarações de Ventura sobre a emigração e a*

criminalidade”, da redação do Diário de Notícias de outubro de 2019 com o título “*Ciganos, imigrantes e prisões. O que diz André Ventura*” e de Beatriz Ferreira, trazida pelo Observador em 12 de maio de 2024, com o título “*Ventura responde a Isabel Moreira. “Somos a única bancada que tem negros”*” e relacioná-los com a teoria de Foucault, expressa na obra “*Sécurité, territoire, population*” (2004):

Ponto 1: Racialização por meio de categorias aparentemente neutras

Discurso de André Ventura: “[...] Muitos destes crimes sexuais (violações) são cometidos por imigrantes”. (Polígrafo, 2024)

Perspetiva foucaultiana: A associação entre criminalidade e comunidades migrantes ou minorias étnicas é feita, neste caso, de forma direta, pelo contexto, pela ênfase e pela repetição. Em suma, esta narrativa alinha-se ao que Foucault denomina de “racismo da governamentalidade”, expressa no uso de discursos sobre segurança e ordem pública para legitimar a vigilância e exclusão de certos grupos.

Ponto 2: O uso de uma linguagem moralizadora e estigmatizante

Discurso de André Ventura: "Temos que proteger Portugal dos que querem destruir a nossa cultura e nossos valores." (Polígrafo, 2023)

Perspetiva foucaultiana: Ao invés de proferir, explicitamente, termos como "negros", "imigrantes", ou "muçulmanos", ele utiliza expressões como “destruição da cultura” ou “valores tradicionais ameaçados”, o que se pode conceitualizar como um discurso racialmente codificado. Ou seja, traduz-se numa maneira de racializar o outro sem o nomear. Para Foucault, esta narrativa faz parte da produção de verdade pelo poder, ou seja, cria-se uma versão da realidade onde certos grupos são vistos como ameaça à ordem social.

Ponto 3: Estereotipia e generalização discriminatória

Discurso de André Ventura: “[...]temos tido uma excessiva tolerância com alguns grupos e minorias étnicas. Não compreendo que haja pessoas à espera de reabilitação nas suas habitações, quando algumas famílias, por serem de etnia cigana, têm sempre a casa arranjada” (Diário de Notícias, 2019).

Perspetiva foucaultiana: esta narrativa configura-se como uma generalização que estigmatiza coletivos inteiros com base em casos específicos, porquanto reduzem pessoas a rótulos permanentes, como “vagabundos”, “exploradores” ou “dependente do Estado”. Portanto, uma prática típica do racismo discursivo, pois criar e reforça representações negativas sobre grupos racializados sob pretextos aparentes da defesa do interesse público.

Ponto 4: Apropriação de luta antirracista para fins opostos

Discurso de André Ventura: “[...]Não sei de que racismo [Respondendo ao ataque da deputada Isabel Moreira] está a falar, somos a única bancada que tem negros do Parlamento”. (Observador, 2024)

Perspetiva foucaltina: Aqui, há uma apropriação estratégica do discurso antirracista para legitimar práticas excludentes. O raciocínio segue um padrão identificado pela negação de preconceitos pessoais ao mesmo tempo que reproduz estruturas racistas discursivamente. Por conseguinte, esta narrativa é descrita por Foucault, na medida em que afirma que «o poder não precisa ser violento para dominar; basta redefinir as normas e controlar o discurso».

A Pós-Verdade nos discursos de Ventura

Lista dos casos analisados:

Casos de afirmações falsas ou distorcidas de André Ventura (2020–2024)

Caso 1: Gastos em “rendimentos mínimos” (entrevista à CNN, 22 Abril 2024)

Afirmação de Ventura: “Em rendimentos mínimos, em atribuições a pessoas que não querem trabalhar... gastamos entre quatro e cinco mil milhões de euros” ([poligrafo.sapo.pt.](http://poligrafo.sapo.pt))

Contexto/Data: As palavras foram proferidas durante uma entrevista à CNN Portugal, em Novembro de 2024, ao qual debatia-se sobre a gestão dos recursos financeiros. Naquela entrevista, Ventura criticava o valor das prestações sociais.

Por que é falso/enganador: De facto, o relatório do Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social (IGFSS) indicava que, entre jan–jul 2023, as “outras prestações sociais” (categoria que inclui o RSI, subsídios de desemprego, doença, parentalidade, etc.) totalizaram cerca de 4.994. Desta forma, este valor entra no “intervalo” citado, mas Ventura omitira que muitas dessas verbas não são rendimentos mínimos (ex.: subsídio familiar, doença, desemprego, parentalidade, etc.), e sim vários apoios sociais. Em 2024, houve uma despesa de 10.000,9 M€ em outras prestações sociais, das quais apenas 357 M€ foram para o Rendimento Social de Inserção, como atesta o site de *fact-checking* [poligrafo.sapo.pt.](http://poligrafo.sapo.pt) Ou seja, ao somar-se todas as prestações (fora pensões) dá um montante um tanto quanto superior ao referido por Ventura, pelo que o seu dado é distorcido por falta de contexto.

Fatos corretos/contrafatos: O relatório da Segurança Social indica que em 2024 foram gastos 36.579 M€ em prestações sociais, com 23.182,3 M€ em pensões e 10.000,9 M€ em “outras”, como atesta o [poligrafo.sapo.pt.](http://poligrafo.sapo.pt) Dessas “outras”, só 357 M€ foram RSI (rendimentos mínimos); o restante foi destinado a apoio familiar, desemprego, casos médicos, parentalidade, etc. Logo, percebe-se que Ventura subestimou a despesa total e ignorou a variedade de apoios incluídos.

Polígrafo. (2024, 22 de maio). Fact-Check sobre a entrevista na CNN.

Polígrafo.<https://poligrafo.sapo.pt>

Caso 2: “Salário médio nos 1200 euros” (Entrevista à Rádio Observador, 26/10/2022)

Afirmção de Ventura: “Vivemos num país onde o salário médio anda nos 1200 euros brutos, neste momento” (poligrafo.sapo.pt.)

Contexto/Data: entrevista na Rádio Observador, 26 de outubro de 2022, durante a campanha das eleições legislativas de 2022. Ventura comentava sobre o rendimento médio dos trabalhadores portugueses.

Por que é falso: Segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE), o salário bruto médio mensal era significativamente superior: atingiu 1.439 € no 2.º trimestre de 2022 (e 1.361 € em 2021) (poligrafo.sapo.pt). Deste modo, estes valores oficiais são bem acima dos 1200 € citados. O Polígrafo, por sua vez, classificou essa afirmação como falsa, pois não corresponde aos dados estatísticos disponíveis, como atesta no próprio site: poligrafo.sapo.pt.

Fatos corretos: O boletim do INE de junho de 2022 revela que a remuneração média estava em 1.439€, não 1200 €. Em 2021, a média anual foi 1.361€. Mesmo o aumento de 3,1% no trimestre tinha elevado a média para 1.439€. Portanto, a afirmação de Ventura ignorou o fato de o salário médio ser, realmente, substancialmente maior.

Polígrafo. (2022, 26 de outubro). *Fact-Check* da Entrevista no observador.Polígrafo.<http://poligrafo.sapo.pt>

Caso 3: Afirmção sobre atleta paralímpica trans (Twitter, 12/07/2023)

Afirmção de Ventura: “Quando era homem não ganhava nada. Mudou de sexo e agora ganha todos os títulos nas competições femininas”(poligrafo.sapo.pt). Esta frase foi publicada num tweet de 12 de julho de 2023 sobre a atleta paralímpica italiana Valentina Petrillo.

Contexto/Data: no Twitter (atualmente designa-se por X) oficial de André Ventura (12/07/2023), referindo-se pejorativamente a Valentina Petrillo, atleta trans género Valentina Petrillo: Primeira atleta trans nas Paralimpíadas feminino. Ventura insinuava que ela só obteria sucesso após a transição de género.

Por que é falso: É desmentido por documentários e reportagens: antes da transição, Petrillo já conquistara vários títulos nacionais. Segundo a BBC, em uma matéria assinada pelo jornalista Dany Mitzman, em 4 de junho (2021)[[Valentina Petrillo: Primeira atleta trans nas Paralimpíadas](#)], ela venceu 11 títulos nacionais masculinos em

100–400 m T12 (deficiência visual) antes de mudar de sexo. Só depois (a partir de 2020) competiu no feminino, vencendo 8 títulos paralímpicos italianos. Logo, a afirmação de Ventura é falsa, pois a atleta já ganhava competições antes da transição. Polígrafo avaliou o *tweet* de Ventura como falso(poligrafo.sapo.pt).

Fatos corretos: A reportagem da BBC (4 junho 2021) explica que Petrillo, diagnosticada jovem com uma doença ocular, começou a correr aos 41 anos e imediatamente venceu 11 títulos masculinos na categoria T12. Apenas em 2020 iniciou provas femininas (venceu três títulos em 2020). Além disso, após a transição hormonal, os níveis de testosterona dela atendem às normas femininas (abaixo de 5 nmol/L). Portanto, a alegação de Ventura deturpa por completo o currículo real da atleta.

Polígrafo. (2023,17 de julho).*Fact-Check* sobre o *tweet*.[Polígrafo.https://poligrafo.sapo.pt](https://poligrafo.sapo.pt)

Caso 4: “Chega é o único partido contra liberalização das drogas” (*Twitter*, 26/06/2023)

Afirmação de Ventura: “O Chega é o único partido naquele Parlamento contra a liberalização das drogas. O resto é tudo igual” (poligrafo.sapo.pt.) Publicado em um *tweet* de 26 de junho de 2023 (Dia Internacional contra as Drogas).

Contexto/Data: A afirmação em análise foi feita em rede social às iniciativas legislativas da legalização da *cannabis* para uso recreativo propostas pelos partidos BE e IL. Desta maneira, Ventura pretendia destacar-se como o mais conservador ou incorrigível face ao tema.

Por que é falso: O Polígrafo esclareceu que não é verdade que apenas o Chega se opõe. Nas votações recentes (2018-2019) sobre a *cannabis* recreativa, o PCP e o PSD também votaram contra a liberalização. Em 2019, projetos de BE e PAN foram reprovados com a oposição de PCP, PSD, CDS e parte do PS. Ou seja, não só o Chega se opõe; outros partidos, especialmente o PCP e o PSD, mantêm posição contrária a legalizações similares. Por conseguinte, o Polígrafo concluiu que a afirmação é falsa(poligrafo.sapo.pt).

Fatos corretos: A legislação sobre drogas em Portugal só permitiu a *cannabis* medicinal (2018). Projetos que visavam o uso recreativo foram chumbados: em julho de 2019, BE e PAN apresentaram propostas rejeitadas com votos contra de PSD, CDS, PCP e parte do PS. Portanto, o Chega não é ou foi “o único” contra a liberalização desta substância; o PCP e setores do PSD também o são (mesmo que se possa discutir internamente no PSD).

Caso 5: “Amnistia vai soltar traficantes de droga” (*Twitter*, 21/06/2023)

Afirmação de Ventura: “Isto é um erro tremendo! Agora vamos soltar traficantes de droga para as ruas? Este é o Governo da bandalheira total!”(poligrafo.sapo.pt). Texto

publicado em 21 de junho de 2023, ilustrando uma imagem de cartaz dizendo “Governo aprova amnistia que abrange traficantes de droga até aos 30 anos”.

Contexto/Data: *tweet* após aprovação em Conselho de Ministros de 19/06/2023 da proposta de lei de perdão e amnistia para jovens (ligado à visita do Papa para a JMJ). Ventura sugeriu que a medida libertaria automaticamente traficantes.

Por que é falso: A própria proposta de lei esclarece que tráfico de droga não está abrangido pela amnistia. O Polígrafo cita o artigo 5.º do projeto (exceções) que exclui explicitamente os condenados por crimes de tráfico de estupefacientes (poligrafo.sapo.pt.) Em suma, os traficantes condenados não seriam perdoados ou amnistiados pela legislação (dezenas de crimes graves, incluindo tráfico, são excluídos). Assim, a conclusão de Ventura é falsa – a amnistia não iria “soltar traficantes” como ele escreveu. Portanto, o Polígrafo classificou a declaração do líder do Chega como sendo falsa. poligrafo.sapo.pt.

Fatos corretos: O projeto de lei (97/XV) limita o perdão a penas até 8 anos (adultos até 30 anos) e a contravenções menores; no artigo das exceções explicita que “não beneficiam do perdão e da amnistia os condenados por crimes de tráfico de estupefacientes”. Em termos práticos, crimes como homicídio, violência, corrupção e tráfico de drogas foram explicitamente retirados dos perdões. Consequentemente, nenhum traficante seria beneficiado, tal como atesta o poligrafo.sapo.pt

Caso 6: Manipulação de cartaz de festival com “*Drag Queens*” (redes sociais, 2023)

Afirmção de Ventura: Na publicação (*tweet*) sobre a “Festa da Espiga” do partido Livre, Ventura afirma: “Entrada gratuita para crianças numa festa com ‘*Drag Queens*’? A nossa esquerda está podre e doente...é preciso proteger as nossas crianças!” (poligrafo.sapo.pt.)

Contexto/Data: O artigo do Polígrafo de maio de 2023, redigido pelos jornalistas Marta Ferreira e Gustavo Sampaio, mostra a postagem de Ventura nas redes sociais (Polígrafo, 2024) chamando a atenção para um cartaz de evento político. O cartaz supostamente indicava “Entrada gratuita para crianças até 16 anos” em espetáculo com os *Drag Queens*.

Por que é falso/enganador: O Polígrafo revelou que a imagem foi manipulada. No cartaz original da Festa da Espiga havia menção a um “Espetáculo Drag”, mas não constava preço algum, logo não havia indicação de “entrada gratuita”. O preço (“grátis para até 16 anos”) foi adicionado digitalmente. Além disso, o evento incluía várias atrações além do show *drag* (documentário, debates, concerto, etc.). Ventura, portanto, divulgou uma informação falsa ao sugerir uma entrada livre para crianças nesse contexto.

Fatos corretos: O cartaz original (Livre) mostrava apenas a programação com o “Espetáculo *Drag*” e não trazia preços. A menção ao bilhete infantil gratuito foi uma

inserção fraudulenta. Na realidade, a festa incluía múltiplas atividades, como mencionado no parágrafo anterior, e não existia bilhete “grátis até aos 16 anos” naquele espetáculo. Logo, a crítica de Ventura baseava-se numa imagem manipulada.

Caso 7: Artigo de Marina Ferreira, publicado pelo polígrafo em 7 de agosto de 2023 “*André Ventura partilhou alegada notícia sobre “milhares de inscritos na JMJ desaparecidos”. É verdadeira?*”

Afirmação de Ventura: Após a Jornada Mundial da Juventude (JMJ), em Lisboa (agosto 2023), Ventura partilhou nas redes um texto supostamente noticioso afirmando que “milhares de inscritos [na JMJ] desaparecidos” devido a vaga de “imigração ilegal” (com fonte gráfica da Rádio Renascença). Ele acusava o Governo de inércia.([poligrafo.sapo.pt](https://www.poligrafo.sapo.pt)).

Contexto/Data: *Tweet* de 6 de agosto de 2023, logo após a JMJ (1–6 agosto 2023). O *post* continha imagem adulterada com logo de um órgão de comunicação tradicional.

Por que é falso: Essa notícia nunca existiu. O Polígrafo verificou que a informação foi totalmente inventada. Trata-se de uma imagem manipulada que usou o grafismo da Rádio Renascença, que negou qualquer ligação ao caso. Não houve nenhum registo real de “milhares de desaparecidos” na JMJ; foi um boato fabricado. Ventura não retirou o *post*, mesmo após ter sido desmentido.

Fatos corretos: A Rádio Renascença confirmou que não publicou nenhuma notícia sobre os inscritos desaparecidos na JMJ e repudiou o uso indevido de sua imagem. Em síntese, nenhuma fonte credível confirmou tal ocorrência. O Polígrafo concluiu que a alegação de Ventura era falsa e fruto de manipulação gráfica.

Caso 8: Número de imigrantes em Lisboa (redes sociais, outubro 2022)

Afirmação de Ventura: Numa postagem nas suas redes sociais, de outubro de 2022, como indica o Polígrafo, no artigo de Marta Ferreira “*De falso em falso... Uma dezena de mentiras sinalizadas pelo Polígrafo que André Ventura não apagou*” de 16 de agosto de 2023, Ventura escreveu: “Dos poucos mais de 500 mil habitantes de Lisboa, quase 300 mil são imigrantes”(poligrafo.sapo.pt).

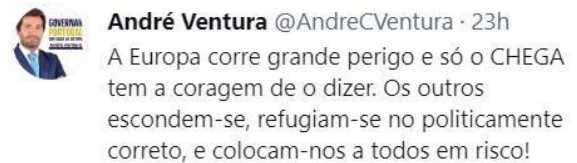
Contexto/Data: *Tweet* fundamentado num artigo do portal G1 Mundo (Brasil) de 8/10/2022. Ventura utilizou aqueles dados para criticar a política de imigração.

Por que é falso: O Polígrafo constatou que os números estão equivocados(poligrafo.sapo.pt). A cifra de “500 mil habitantes” refere-se somente à cidade de Lisboa, enquanto o artigo original confundiu esta base com a Área Metropolitana. De acordo com dados do INE (atualizados a 16/12/2021), Lisboa (município) não tinha 300 mil imigrantes – esse número refere-se à Grande Lisboa ou

inclui temporários. A combinação das estatísticas de entidades distintas produziu a falsidade. Ventura interpretou mal a fonte e divulgou um dado incorreto.

Fatos corretos: Segundo o INE, em 2021 Lisboa (cidade) tinha 2,9% de população estrangeira, não 60% como sugerido. A Área Metropolitana (3 milhões) tinha maior número absoluto de estrangeiros, mas proporções menores. Em suma, Lisboa não tem “300 mil imigrantes” sobre 500 mil habitantes (essa proporção só existe misturando estatísticas de base distinta). Desta feita, o Polígrafo concluiu que a publicação era enganadora. (poligrafo.sapo.pt).

Casos ligados à problemática da imigração



1. “Vaga migratória está a aumentar a criminalidade” (Vídeo no X, 3 de Setembro de 2024)

Ventura: “Nós estamos a ser assolados – não só Portugal, mas a Europa toda – por uma vaga migratória com um impacto tremendo no tecido social... Estamos a aumentar a criminalidade, porque as pessoas depois... vivem para a rua ou para casas com 20 pessoas...”

Fact-check (Polígrafo):

A criminalidade violenta e grave está em queda ou estável desde 2006, mesmo após a verificação de um ligeiro aumento pós-pandemia.

84,7 % da população prisional é portuguesa, o que não confirma o argumento de impacto imigratório no crime (poligrafo.sapo.pt).

Em Espanha, como exemplo para “a Europa toda”, como referiu o deputado, os estrangeiros representam cerca de 25–30 % da população prisional, sem crescimento paralelo à imigração recente.

Conclusão: A afirmação é alarmista e sem correlação estatística, logo é considerada falsa.

2. “Mais de 100 000 imigrantes ilegais já entraram” (*Tweet*, 27 Março 2023)

Ventura: “Este ano já tivemos mais de 100 000 imigrantes ilegais a entrar em Portugal!”
(X, 27/03/2023)

Fact-check (Polígrafo):

Dados do SEF indicavam que apenas 6 892 casos foram registados entre janeiro e março de 2023, não 100 000.

A esmagadora maioria dos migrantes entrou legalmente (vistos, trabalho, estudo).

Conclusão: alegação de magnitude foi falsa, com grande diferença entre afirmação e dados reais.

3. “Em Braga, 30 % da população é imigrante” (a afirmação consta no artigo da redação do SIC Notícias de 7 de fevereiro de 2024, “*Terá Ventura mentido quando disse que Braga tem 30% de imigrantes?*”)

Ventura: “Em Braga, 30 % da população é imigrante” (palavras proferidas durante uma entrevista à SIC Notícias) *Fact-check* (Polígrafo e O Minho).

No distrito de Braga, os estrangeiros eram 3,3 % da população (28 127 em 846 515 habitantes, 2022).

No concelho de Braga, apenas 6,6 % (12 722 estrangeiros em 192 494 habitantes, 2021).

Conclusão: valor exagerado em mais de 4x, logo a afirmação configura-se como sendo falsa.

4. “Sete em cada 10 violadores são imigrantes” (Instagram/X, janeiro 2025)

Ventura: Partilhou notícia com título “Sete em cada 10 condenados por violação são imigrantes. Apenas 29 % são portugueses.” *Fact-check* (Renascença / Polígrafo):

Dados reais: apenas cerca de 11,1 % das penas são atribuídas aos estrangeiros.

Após contestação, Ventura e Chega retrataram para “25 % dos estrangeiros”, mas ainda assim o número permaneceu superestimado, pois a percentagem correta configura-se perto de 16,7 %.

Conclusão: notícia falsa ou descontextualizada, portanto alegação falsa.

5. “Imigração cresceu 95 % em Portugal nos últimos dois anos” (Comício do Porto, 23 novembro 2024)

Ventura: “A imigração cresceu 95 % em Portugal nos dois últimos anos... Nas nossas cadeias, 30 % dos que foram detidos são estrangeiros, e 20 % dos que estão presos são estrangeiros.” ([pt-euronews](#)).

Fact-check (Expresso / Euronews):

A variação da população estrangeira foi bem mais modesta — cerca de 18 % de aumento entre 2021–2023.

Nos presos, estrangeiros constituem 16,7 % — não 30% ou 20%, conforme a retórica usada.

Conclusão: exagero estatístico e associação alarmista, o que se configura como afirmações enganadoras ou falsas.

Resumo comparativo dos casos ligados à imigração

Afirmação de Ventura	Tipo de erro	Correção baseada em dados c
“100 000 imigrantes ilegais em 3 meses”	Número inflacionado	6 800 registados -falso
“Vaga migratória aumenta criminalidade”	Correlação sem prova	Dados mostram crime sustentável falso
“30 % de imigrantes em Braga”	Estatística errada	Realidade: 3–6 % -falso
“70 % dos violadores são estrangeiros”	Muito exagerado	Realidade: 11–17 % -falso
“Imigração aumentou 95 % em dois anos”	Variação inflacionada	Realidade: 18 % -falso

Contexto e utilização estratégica:

Os dados e as narrativas acima, são exemplos concretos de como o líder do Chega utiliza a sua retórica em prol da desvalorização dos fatos. Segundo Dunker (DUNKER, 2017, p. 33):

“Partimos do pressuposto que, atualmente, os fatos importam menos do que aquilo que as pessoas resolvem acreditar, ou seja, vivemos um momento em que a verdade está sendo substituída pela opinião. Neste sentido, a pós-verdade pressupõe que exista uma perda do vínculo com o real, ou seja, com aquilo que é factível. Por isso, a verdade passa a ser aquilo que está posto nas redes de comunicação sociais e pessoais, mas somente aquilo que nos interessa”. Desta forma, Ventura reveste a sua narrativa de opiniões sob perspectiva de uma mudança no paradigma sociopolítico português, objetivando, sobretudo, a influência do eleitorado por discursos que buscam afetar o emocional e confirmar as crenças daqueles que o ouvem. Nesta senda, os discursos são propalados com doses altas de alarmismo, na medida em que se hiperbolizam os dados e generalizam-se casos isolados; outrossim, é notório o apelo para a uma busca do sentimento nacionalista quando se cria a figura do imigrante como o vilão para todas as adversidades encontradas atualmente no seio do povo português, utilizando a

vitimização do “Nós”, ou seja, «Portugueses vs. Outros». Por conseguinte, cria-se pilares que tomam as emoções como verdades.

Como alerta Foucault (1979), o combate a essas narrativas exige desmontar não só as mentiras, mas os sistemas de poder que as produzem.

CONCLUSÃO

O fenómeno da pós-verdade revela-se como um desafio crescente no espaço público político, especialmente num contexto marcado pela disseminação de informações falsas, pelo apelo emocional e pela deslegitimação de fontes fidedignas. A análise dos discursos de André Ventura permitiu a constatação de como as estratégias retóricas baseadas em emoções, simplificações e narrativas identitárias conseguem influenciar a perceção dos cidadãos portugueses e até imigrantes residentes em Portugal, em detrimento de fatos comprováveis.

Este estudo evidenciou que a pós-verdade não é apenas um problema de desinformação, mas também um fenómeno sociopolítico que coloca em causa a racionalidade pública, a ordem social e a própria legitimidade das instituições democráticas. Assim, torna-se essencial desenvolver mecanismos de literacia mediática, promoção do pensamento crítico e reforço da transparência na comunicação política, de modo a salvaguardar o debate público e a qualidade da democracia. Deste modo, esta abordagem não apenas servirá como luz para que se ajude a discernir melhor entre o que é verdadeiro e o que é falso, todavia também fortalecerá a nossa capacidade de diálogo para que se possa construir uma sociedade mais informada, crítica e resiliente.

Portanto, o futuro depende da nossa disposição para questionar, aprender e, de forma consciente, engajarmo-nos.

Referências Bibliográficas

- Braga, J. L. (2020). Pós-verdade e política: entre a razão e as emoções. Appris.
- Curcino, L. (2024). *Discurso e (pós)verdade*. Parábola Editorial. <https://books.google.es/books?id=1m0qEQAAQBAJ&hl=pt-PT>
- D'Ancona, M. (2018). Pós-verdade: a nova era contra os fatos em tempos de fake news (M. B. de Oliveira, Trad.). Record. (Original publicado em 2017 como Post-Truth: The New War on Truth and How to Fight Back)
- Dunker, C., Tezza, C., Fuks, J., Tiburi, M., & Safatle, V. (2018). *Ética e pós-verdade*. Dublinense. <https://books.google.es/books?id=2FNuDWAAQBAJ&hl=pt-PT>
- Expresso. (2023, 23 de abril). A mentira como arma e o racismo estrutural de Ventura e dos portugueses [Episódio de podcast]. Entre Deus e o Diabo. <https://expresso.pt/podcasts/entre-deus-e-o-diabo/2023-04-23-A-mentira-como-arma-e-o-racismo-estrutural-de-Ventura-e-dos-portugueses.-Oica-aqui-o-ultimo-episodio-de-Entre-Deus-e-o-Diabo-68b578c7>
- Foucault, M. (2008). Segurança, território, população (M. A. da Silva, Trad.). Martins Fontes. (Original publicado em 2004 como Sécurité, territoire, population, Collège de France)
- Müller, J.-W. (2011). Contesting democracy: Political ideas in twentieth century Europe. Yale University Press.
- Müller, J.-W. (2017). O que é populismo? (L. R. Monteiro, Trad.). Zahar. (Original publicado em 2016 como What is Populism?)
- Nichols, T. (2017). A morte da competência: a campanha contra os especialistas e a corrupção do saber. Zahar. (Obra original publicada em 2017 como The Death of Expertise)
- Santaella, L. (2020). *A pós-verdade é verdadeira ou falsa?* Editora Estação das Letras e Cores. <https://books.google.es/books?id=cfWADwAAQBAJ&hl=pt-PT>
- Vosoughi, S., Roy, D., & Aral, S. (2018). *The spread of true and false news online*. *Science*.
- Sundar, S. S., Snyder, E. C., Liao, M., Yin, J., Wang, J., & Chi, G. (2025). Sharing without clicking on news in social media. *Nature Human Behaviour*, 9(1), 156–168. <https://doi.org/10.1038/s41562-024-02067-4>
- Artigos e Periódicos**
- Cruz Júnior, G. (2019). *Pós-verdade: A nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*. *ETD - Educação Temática Digital*, 21(1), 278–284. <https://doi.org/10.20396/etd.v21i1.8652833>
- Seixas, R. (2019). *A retórica da pós-verdade: o problema das convicções*. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, 18(1). <https://doi.org/10.17648/eidea-18-2197>
- Sundar, S. S., Snyder, E. C., Liao, M., Yin, J., Wang, J., & Chi, G. (2025). *Sharing without clicking on news in social media*. *Nature Human Behaviour*, 9(1), 156–168. <https://doi.org/10.1038/s41562-024-02067-4>
- Textos Eletrônicos / Relatórios**
- Foucault, M. (2007). The politics of truth. Monoskop. https://monoskop.org/images/4/47/Foucault_Michel_The_Politics_of_Truth_2007.pdf
- Shawn, M., Lewis, S., & Owens, T. (Eds.). (2018). A field guide to “fake news” and other information disorders. Monoskop. https://monoskop.org/images/3/37/A_Field_Guide_to_Fake_News_and_Other_Information_Disorders_2018.pdf

Fontes Eletrônicas / Notícias

CNN Portugal. (n.d.). CNN Portugal. <https://www.cnnportugal.pt/>

Euronews. (n.d.). Euronews. <https://pt.euronews.com/>

Euronews. (2024, 2 de dezembro). Verificação dos factos sobre as alegações enganosas de Portugal em matéria de imigração. https://pt-euronews.atualizamg.com/my-europe/2024/12/02/verificacao-dos-factos-sobre-as-alegacoes-enganosas-de-portugal-em-materia-de-imigracao?spm=a2ty_o01.29997173.0.0.cbb05171Ux3UC6&utm_source=chatgpt.com

Expresso. (n.d.). Expresso. <https://expresso.pt/>

Polígrafo. (n.d.). Polígrafo. <https://www.poligrafo.pt/>

SIC Notícias. (n.d.). SIC Notícias. <https://sicnoticias.sapo.pt/>

Ó Minho. (2024). André Ventura disse que 30% da população de Braga é imigrante: Falso. https://ominho.pt/andre-ventura-disse-30-da-populacao-de-braga-e-imigrante-e-falso/?utm_source=chatgpt.com